

O nascimento de Godido

A 9 de Abril de 1946, João Dias escrevia com certo entusiasmo à família, sobre um conto que tinha escrito e que daria título ao seu livro, editado postumamente por um grupo de amigos:

«Escrevi um conto — GODIDO — para os jogos florais da Casa dos Estudantes do Império, (CEI). Vamos a ver. É um conto sobre um tema colonial: um negro que vem do mato para a cidade. Tem horror à vida da selva e julga a cidade um paraíso. Quer civilizar-se. Cedo se convence que a vida na cidade, para o negro se resume ao passe, imposto de captação e a estar sempre em perigo de ser chicoteado pela Polícia. E então ele suspira pela vida no campo.

Que tal acham o tema?

Diz a um director de escola ao seu corpo docente, a propósito de

A mãezinha ficou aborrecida por não terem publicado um artigo meu no «Brado» por o acharem forte. Já nem sei de que artigo se trata. Mas não devia ser muito forte. Quanto a terem medo do o publicar é compreensível. Têm medo dos «mumadgi». Eu, se aí estivesse, é possível que fosse um pouco menos valente. Aliás enquanto for possível, publico-os aqui porque esta «galegada» precisa de se educar em questões coloniais. E convém que se eduque para que, uma vez em África não façam as negras.

Finalmente, para um melhor conhecimento sobre a personalidade de João Dias, há que recorrer a toda a obra que nos legou e que continua desarrumada. Já vai dado um passo de louvar com a edição de GODIDO E OUTROS CONTOS pela Associação dos Escritores Moçambicanos. Cremos este acontecimento vai finalmente preencher



Ao centro, a mãe de João Dias, tendo nos lados as suas duas filhas

um filme de violência que ia ser projectado para os alunos: — Se os alunos gostam assim tanto do Bud Spence e do Trinitá, deixem-nos vê-lo. Não receiem que lhes possa fazer mal. Talvez seja a melhor maneira de aprenderem a desprezar a violência.

Na verdade, ao dedicar maior parte dos seus escritos a problemas do racismo, João Dias não se limitava a enfrentar antagonicamente todas as pessoas que enformavam deste preconceito. Ele desejava que as pessoas da sua época aprendessem com os seus escritos a relacionar-se melhor entre si, desprezando o preconceito de raça. Vejamos a carta de 21 de Maio de 1947:

a lacuna até aqui existente na análise do escritor João Dias para os que não o tinham lido e no estudo da literatura moçambicana.

ANTONIO FIRMINO

N.R. — Esta é apenas a última parte de um importante artigo do autor supracitado. A impossibilidade de publicar integralmente a peça advém do facto de carecermos de espaço e, sobretudo, porque não podemos aproveitar o texto para uma «Escolha da Semana» dado que João Dias já perfilou nesta tribuna de talentos